



CÔ A VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2006



**ACTAS DO II CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO DOURO
E BEIRA INTERIOR**

PUBLICAÇÃO A CARGO DOS SERVIÇOS
CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

Este número de CÔAVISÃO publica exclusivamente as Actas
do II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior,
organizado entre 19 e 21 de Maio de 2005, em Vila Nova de Foz Côa

Trabalho coordenado por:
António do Nascimento Sá Coixão

Foto da capa:

Pormenor de Arquitectura rural na freguesia de Sto. Amaro

Composição e impressão:

Tipografia Lobão, Lda.

Rua Quinta do Gato Bravo, 5

2810-069 Almada

Tel. 21 255 98 90 – Fax 21 255 98 99

geral@tipografialobao.pt

www.tipografialobao.pt

Depósito Legal:

242718/06

ISBN 972-8763-16-6

EDIÇÃO:

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

2006

Índice

Prefácio	5
<i>Emílio António Pessoa Mesquita, Presidente da Câmara de Vila Nova de Foz Côa</i>	
Introdução	7
<i>António do Nascimento Sá Coixão</i>	
Metalurgia de Ervamoira – Vale do Côa: estudo das peças	9
<i>J.A. Gonçalves Guimarães e Eva Baptista</i>	
O sítio arqueológico da Quinta dos Bons Ares, Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa	17
<i>J. A. Gonçalves Guimarães</i>	
Objectos arqueológicos e outros de Trás-os-Montes e Alto Douro na Colecção Marciano Azuaga (Solar Condes de Resende, Vila Nova de Gaia)	25
<i>J. A. Gonçalves Guimarães, Eva Baptista e Fátima Teixeira</i>	
Agricultura y antropización del paisaje en Portugal desde una perspectiva palinológica.....	41
<i>José Antonio López Sáez, Domingos J. Cruz</i>	
Métodos de Mapeamento das Dinâmicas Erosivas em Acção nos Painéis de Arte Rupestre do Vale do Côa	50
<i>António Pedro Batarda Fernandes, Maria T. Rico e Jennifer K. K. Huang</i>	
A Ponte internacional de Barca d'Alva - La Fregeneda no contexto da construção da Linha do Douro até Salamanca	60
<i>Emilio Rivas Calvo e Carlos d'Abreu</i>	
A Ponte ferro-rodoviária do Pocinho – um monumento da Arqueologia Industrial que urge preservar	90
<i>Carlos d'Abreu e Emilio Rivas Calvo</i>	
Escavar na Língua.....	112
<i>António Alberto Rodrigues Trabulo</i>	
O Sítio Arqueológico do Rumansil I	118
<i>António N. Sá Coixão e Tony Silvino</i>	
A arte rupestre no concelho de Tondela: Uma perspectiva diacrónica.....	138
<i>André Tomás Santos, António Cheney e Augusto Jorge Aveleira</i>	
Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca....	156
<i>António Martinho Baptista, André Tomás Santos e Dalila Correia</i>	
Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005 – Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)	185
<i>Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Ana Margarida Vale, Gonçalo Leite Velho e António Sá Coixão</i>	
Achegas para o estudo do povoamento calcolítico da Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal)	205
<i>Elisabete Robalo e Marcos Osório</i>	

Metalurgia de Ervamoira – Vale do Côa: estudo das peças

J. A. Gonçalves Guimarães^{*}

Eva Baptista^{**}

Em trabalho já apresentado anteriormente estudamos as estruturas e vestígios metalúrgicos patentes na estação arqueológica da Quinta da Ervamoira (Vale do Côa)¹, relacionando-os com os recursos mineiros da região e as tecnologias da época romana e medieval.

No presente estudo analisamos as peças e os fragmentos exumados desde 1985, procurando através do seu estudo tipológico e funcional integrá-los no quotidiano das diversas épocas da ocupação humana desta propriedade situada na margem esquerda do Côa.

Naquela primeira abordagem concluímos que este sítio arqueológico foi palco, nos períodos romano e medieval, de alguma actividade no que diz respeito aos trabalhos de fundição e de forja, bem evidentes nas estruturas e vestígios exumados, nomeadamente uma construção com forno de fundição e uma ferraria, ambos da Idade Média.

Porém alguns outros vestígios levam-nos a crer que nesta granja agrícola, que foi *mutatio* na época romana, também se terão processado trabalhos metalúrgicos neste período e durante a dominação visigótica. A existência generalizada de escórias por toda a estação e naqueles níveis estratigráficos é bem uma evidência de tal prática.

É também provável que muitos dos objectos metálicos aqui encontrados tenham tido outras proveniências, tendo aqui apenas alguns deles sido afeiçoados ou aperfeiçoados na forja e na bigorna, como é o caso dos pregos usados nas construções ou nas rodas das carroças que por aqui passavam.

Foram aqui encontradas peças em bronze, ferro e chumbo dos períodos atrás referidos, a que teremos de juntar as peças encontradas em Ervamoira B, a área onde existiu a capela de N. S. do Desterro ou dos Carvalhais².

Independentemente da época, ou da liga metálica de que são feitas, encontramos aqui, para além de peças usadas na própria actividade metalúrgica, outras ferramentas, além de pregaria; utensílios agrícolas; um chocalho em ferro; peças de caldeiraria; armaria; objectos de adorno e vestuário; peças para pesca; utensílios domésticos; e ainda outras que, devido ao seu estado deteriorado, fragmentado ou incompleto, são de difícil identificação³.

Pesem embora a grande quantidade de exemplares de algumas destas peças, como os pregos, não foram todavia aqui encontradas “grandes peças” ou objectos de prestígio. Por exemplo, não foi encontrada a bigorna de ferro cuja base em granito apareceu na ferraria medieval, o que nos leva a supor que o sítio, sempre que foi abandonado ou destruído, foi alvo de criteriosa recolha do que poderia ter serventia noutra local. O que ficou foi o que os destroços esconderam ou o que já não valia a pena levar por incompleto ou imprestável. Já para não falar na reciclagem contínua de metais, tão vulgar nas sociedades antigas e nas rurais mais recentes.

Optamos pois por apresentar estas peças, não por critérios metálicos ou cronológicos, mas antes tipológicos, pelas seguintes razões:

^{*} Arqueólogo; director científico das escavações e do programa do Museu de Sítio de Ervamoira; membro efectivo do Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR-CQ).

^{**} Patrimonióloga; membro associado do Gabinete de História; Arqueologia e Património (ASCR-CQ)

1- As peças de ferro, de bronze e de outras ligas, desde pelo menos o período romano, podem ser todas contemporâneas.

2- Há peças de longa sobrevivência e utilização, sendo por isso difícil atribuir-se-lhes uma cronologia certa se esta não puder ser conferida pelo estrato arqueológico em que apareceram.

3- Pelo contrário, existem algumas, poucas, peças de evidente factura épocal.

Como todas as peças exumadas nesta estação estão arqueologicamente referenciadas, torna-se fácil tentar enquadrá-las cronologicamente, tanto quanto a estratigrafia encontrada o permite.

1. Ferramentas de fundição e forja

No trabalho anterior fizemos referência ao aparecimento de fragmentos em ferro de uma colher de fundição cuja possível reconstituição então apresentamos. Encontrada no sector III (oficina de fundição altimediévia ou medieval) deve ter sido aí utilizada inúmeras vezes, conforme o comprovaram as análises metalográficas ⁴.

Alguns ferros longos, e outros, aparecidos no sector X (ferraria medieval) é bem possível que sejam o que resta de ferramentas de forja aí utilizadas (ver Figura 1).

2. Outras ferramentas

Com esta designação entendemos apenas os objectos destinados à obtenção, transformação ou aperfeiçoamento de materiais.

É o caso de um cinzel em ferro, medindo 15,3x1,6x1,8 cm, o qual se encontrou cravado no afloramento de xisto junto a uma construção medieval, parcialmente implantada por cima das ruínas de um grande edifício romano ⁵.

Em Ervamoira B apareceu igualmente um pequeno escopro em ferro, o qual deverá ser das épocas Moderna ou Contemporânea (Figura 4).

3. Pregaria

Contam-se por inúmeros os pregos de ferro encontrados nesta estação, grande parte deles romanos, e que devem ter servido para fixar, não só as diversas traves dos telhados das construções romanas, mas as próprias *tegulae* quando tal era necessário.

Estes pregos, dos quais temos referenciados cerca de noventa, têm um comprimento médio de 8 cm, havendo no entanto alguns de menores dimensões e maior espessura destinados a outros fins e alguns de cabeça larga, talvez destinados a segurar o aro metálico das rodas das carroças.

Em Ervamoira B foi encontrada uma cavilha em ferro com certeza proveniente da cobertura do alpendre aí existente, se não do telhado da desaparecida capela (Figura 5).

4. Utensílios agrícolas

Tratando-se de uma granja agrícola romana seria de esperar aqui a existência de utensílios agrícolas metálicos. Porém o único encontrado até à data em Ervamoira A foi um fragmento distal de uma foice, ou podoa, em ferro, encontrada na ferraria medieval, conjuntamente com um grande número de fragmentos de ferro laminados (ver Figura 1).

Em Ervamoira B encontramos uma roda dianteira de charrua em ferro, modelo de finais do séc. XIX.

5. Caldeiraria

A ocorrência de algumas argolas ou pegas de utensílios metálicos em ferro sugerem a existência de recipientes do mesmo metal, os quais, no entanto, não foram encontrados.

Já as hastes com argola poderão ter sido usadas para suspender recipientes sobre o fogo, quer eles fossem metálicos, quer cerâmicos (ver Figura 1).

6. Armaria

Duas peças metálicas são nitidamente componentes de equipamento militar, podendo uma delas ser também de caça: referimo-nos a um *veiro* de ferro, alongado, com dois orifícios no topo, que deve ser um protector nasal de capacete, pois parece-nos demasiado grande para escama de lorigão. Poderá ser tardo romano ou medieval e foi encontrado junto ao sector II, onde coexistem, sobrepostas, uma construção romana do século IV e uma casa medieval do século XIII (Figura-2).

Uma outra peça é uma ponta de seta ou virote, com pedúnculos, encontrada numa casa medieval.

7. Objectos de adorno e vestuário

São as peças em maior número e diversidade metálica, pois que as há em bronze e ferro, podendo mesmo ser subdivididas em várias categorias:

a - *Acus crinalis*

Foram encontradas dois exemplares em bronze junto da oficina olárica onde apareceu a moeda de Cláudio, aliás no mesmo sector onde apareceram as fíbulas ⁶ (Figura 15).

b - Alfinetes

Vários “arames” finos mais ou menos compridos e direitos, a maior parte em bronze, mas um ou outro em ferro, levam-nos a inclui-los nesta denominação (Figura 12).

c - Alianças

Foram encontradas duas alianças em bronze, uma delas, a mais grossa, na área da casa romana do século IV, se bem que no estrato 00, apresentando uns sulcos no rebordo externo que não serão alfabéticos, mas decorativos (Figura 6).

Uma outra, mais fina, feita de uma tira de bronze laminado com as extremidades sobrepostas, foi encontrada na área da possível necrópole exterior à basílica, ou pelo menos na área de derrube dos seus materiais. No rebordo exterior apresenta uma série de elementos gravados por punção que parecem letras de uma palavra ou nome, a qual permanece, até agora, indecifrada. Esta técnica decorativa aparece também em fíbulas de bronze romanas encontradas em Sísia, na Croácia ⁷ (Figura 8).

d - Anéis

Apareceu um único anel em ferro, formado por aro e pequena mesa, junto com material do período visigótico ou mesmo já dos séculos VIII-IX (Figura 7).

e - “Botão”

Na realidade trata-se da cobertura em bronze de um prego, uma espécie de pequeno “chapéu” em metal mais nobre para o embelezar, talvez na cobertura de um escudo e, se esse for o caso, deveria então ser incluído na armaria. Porém pode igualmente ser parte de outra peça não identificada (Figura 13).

f - Brinco ?

Uma argola em bronze com os topos justapostos, mas separados, poderá ser um brinco a que falta o par; apareceu na área da basílica (Figura 14).

g - Fíbulas

Foram encontradas duas fíbulas de bronze, ou o que delas resta, podendo dizer-se que num caso estamos perante uma fíbula tipo “arco em cotovelo com mola” e no outro um tipo diferente, aparentemente sem mola⁸. Embora aparentem um ar arcaico, poderão ser contemporâneas da primeira ocupação do sítio na época de Cláudio, ou serem o resultado de arcaísmos que perduraram no tempo (Figuras 9 e 10).

h - Fivelas

Para além do aro exterior de uma fivela em ferro encontrada na casa medieval do sector VI, foi encontrado na área de escorrimento de materiais a norte da basílica um fusilhão ou espigão em bronze de nítida oficina visigótica, o qual já se encontra descrito noutros trabalhos⁹ (ver Figura 1 e bibliografia).

8. Peças para pesca

No sector VII, área de implantação do grande edifício romano, embora não contextualizado, apareceu um anzol em bronze, descartado depois de utilizado com sucesso, conforme o demonstra o ângulo de abertura da ponta rebarbada¹⁰ (Figura 11).

Em Ervamoira B foram encontradas 5 chumbeiras esféricas, com cerca de 16 grs. cada, quase todas com orifício central, excepto uma. Serão mais recentes.

9. Utensílios domésticos

Para além de algumas das peças já indicadas na secção de “caldeiraria” poderem ser consideradas, pelas suas funções, “utensílios domésticos”, acrescentaremos a este grupo duas agulhas em ferro, uma das quais conservando ainda o orifício para enfiamento da linha, ambas encontradas em horizonte medieval (Figura 1).

10. Peças de pastorícia

No pavimento em volta da grande lareira medieval do sector VI foi encontrado um chocalho em ferro com 6x5x2 cm, usado com certeza pendurado no pescoço de uma cabra para assinalar a sua presença. (Figura 3)

Estamos efectivamente perante uma peça de longa sobrevivência, pois já eram conhecidas no tempo dos romanos, conforme o atestam exemplares encontrados em Torre de Palma (Monforte, Portalegre) e em S. Cucufate (Vidigueira, Beja)¹¹. Porém, com o mesmo aspecto, ainda existiam na Idade Média tardia, conforme nos demonstra um exemplar exumado na necrópole do adro da igreja de Freixo de Numão¹².

11. Outras peças

Neste grupo incluímos aquelas a que não conseguimos atribuir uma função bem definida, como é o caso de uma espécie de conto em chumbo encontrado na fundição medieval, podendo, no entanto, ser apenas uma porção de lâmina de chumbo, grossa e enrolada, da qual se iam extraíndo porções para solda, ou para outros fins, como chumbeiras, por exemplo.

Conclusão

Consideradas estas peças na sua diversidade metálica, funcional e épocal, algumas conclusões podem ser tiradas, para além daquela que já referimos no trabalho anterior: a de que houve aqui importante actividade metalúrgica.

Assim podemos igualmente concluir que, para além da normal utilização de peças metálicas numa grande variedade de funções, elas documentam aqui a actividade piscatória no período romano e em época muito mais recente, bem assim como a antiguidade da pastorícia, a qual, tendo aqui origem em tempos ainda mais

remotos do que o período romano, chegou até aos nossos dias, embora os chocalhos de hoje sejam fundidos em latão e já não martelados a partir de chapa de ferro.

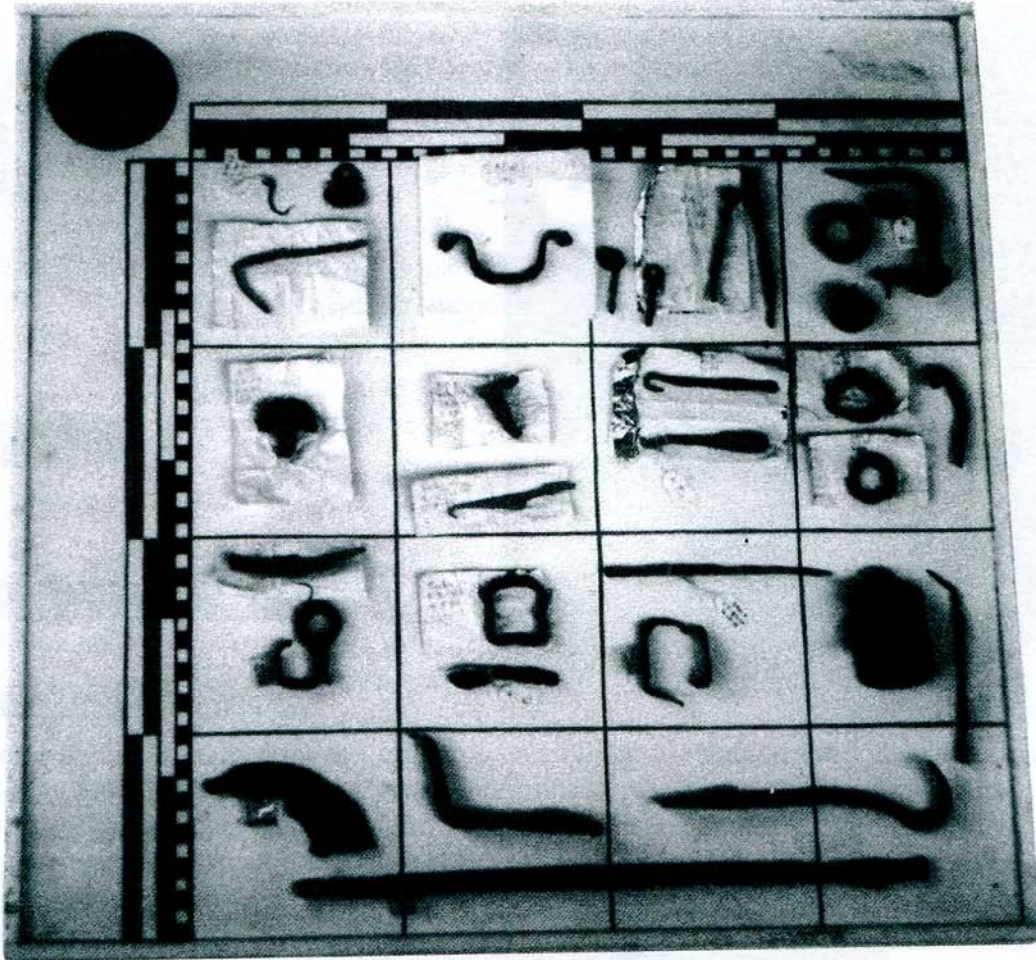
As peças em metal foram pois usadas em Ervamoira em múltiplas funções, ao lado das peças de pedra (por exemplo, as mós manúárias), as de madeira, cestaria, couro e tecido, das quais não encontramos vestígios, e também as de osso¹³, vidro¹⁴ e cerâmica, estas últimas em grande e diversa qualidade de formas, estéticas e funções¹⁵.

Mas as peças metálicas também não deixaram de marcar aqui significativamente a sua presença.

Notas

- 1 Cf. GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; BAPTISTA, Eva (2004) - «A actividade metalúrgica em Ervamoira; uma primeira abordagem». In *Coavisão-cultura e ciência*, nº 6, 2004, p. 153-165.
- 2 Sobre esta estação arqueológica ver GUIMARÃES, J.A. Gonçalves (2003) - «Ervamoira: da granja romana à quinta medieval de Santa Maria, uma hipótese de musealização das ruínas». In *Coavisão-cultura e ciência*, nº 5, 2003, p. 73-84 e GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; GUIMARÃES, Susana (2005) - «A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa». In *Coavisão-cultura e ciência*, nº 7, 2005, p. 275-286.
- 3 Sobre a problemática das peças de ferro encontradas em contexto arqueológico ver BARRIO MARTIN, Joaquin (1989) - «La metalurgia de hierro del período preromano: analisis de las causas de deterioro y problemática de conservacion». In *Boletín Avriense*, anos XVIII-XIX, Tomo XVIII-XIX. Ourense: Museo Arqueológico Provincial, p. 407 e seguintes.
- 4 Análises feitas no Laboratório do Departamento de Metalurgia da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto durante o estágio do então estudante Paulo Filipe Fernandes, sob a orientação do Professor Doutor Engenheiro José Tinoco Cavalheiro e a colaboração da técnica D. Nina Maio, no ano lectivo de 1987/1988.
- 5 Publicado in GUIMARÃES, J.A. Gonçalves; PEIXOTO, M^a da Graça (1989) - «A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira – Muxagata . Vila Nova de Foz Côa: novos dados». In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Associação de Defesa do Património e Ambiente “Amigos da Beira”, p. 508.
- 6 Um exemplar já publicado in GUIMARÃES & PEIXOTO 1989:508.
- 7 Cf. Koscevic, Remza (2000) - «Small Bone and Bronze objects from Siscia». In *Prilozi*, vol. 17, 2000. Zagreb: Instituta za arheologiju, p. 24 peça 37.
- 8 Cf. PONTE, Salette da (2005) - «As fíbulas do Bronze final e Idade do Ferro de Portugal Interior (Norte e Centro): Problemática sobre produção local e de longa distância». In *Coavisão-cultura e ciência*, nº 7, 2005. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 185 e segs.
- 9 Publicado in GUIMARÃES & PEIXOTO 1989: 501 e 508 e de novo referido in GUIMARÃES & BAPTISTA 2004:157.
- 10 Um anzol de bronze, de certo modo semelhante, apareceu em Azeitada, Almeirim; cf. QUINTEIRA, António J. F. (1998) - «Estação arqueológica da Azeitada (Almeirim)». In *Conimbriga*, 37. Coimbra: Instituto de Arqueologia da F.L.U.P., p. 177 e Estampa VIII, nº 7.
- 11 Cf. *Portugal Romano – a exploração dos recursos naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 1997, p. 160 (17 e 18) e 161 (19 e 20).

- 12 Cf. COIXÃO, António do Nascimento Sá (1999) – *Rituais e cultos da morte na região de Entre Douro e Côa*. Freixo de Numão: ACDR, p. 141. Sobre a sobrevivência da arte de fazer chocalhos na bacia do Douro espanhol até à actualidade ver SANCHEZ MARCOS, Marta Maria (1988) - «Pervivência del arte de la cencerria en la cuenca del Duero salmantino». In *Mea villa*, nº 2, Abril de 1988, Vila Nova de Gaia, p. 65-80 e *idem* (2002) - «Pervivencia de la cencerria en Salamanca». In *Revista de Folklore*, tomo 22/2 (2002) nº 262, p. 125-144. Valladolid: Obra Social y Cultural de Caja España.
- 13 Encontramos aqui um apito de osso feito a partir do jogadouro da tíbia de um cabrito.
- 14 Nesta estação foram encontradas diversos fragmentos de vidro romano, de espessuras e cores variadas, que ainda não foram estudados.
- 15 Sobre alguma cerâmica desta estação ver: GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1999) - «Cerâmica arqueológica do Museu de Ervamoira». In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida In Memoriam*, vol. I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade, p. 377-389; *idem* (2000) – «Cerâmica romana e medieval de Ervamoira». In *Beira Interior História e Património – Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior* (1-3 de Outubro de 1998). Guarda: Câmara Municipal, p. 171-184.



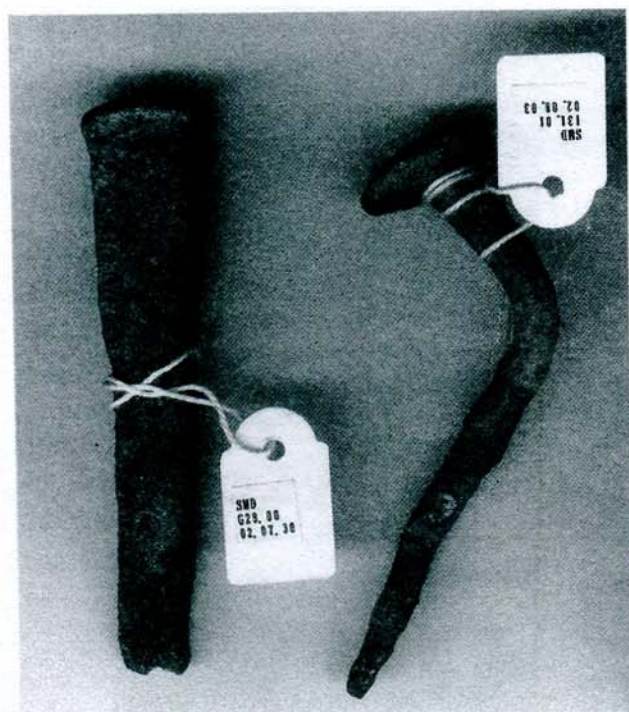
1. Objectos e fragmentos metálicos da Ervamoira A



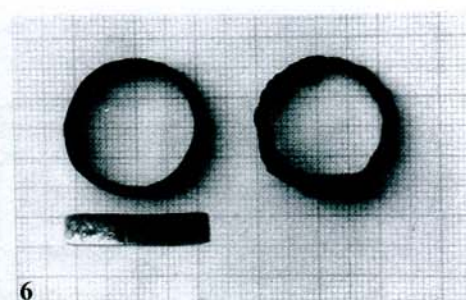
2. Naseira



3. Chocalho



Ferraria de Ervamoira B
4. Escopio 5. Cavilha



6

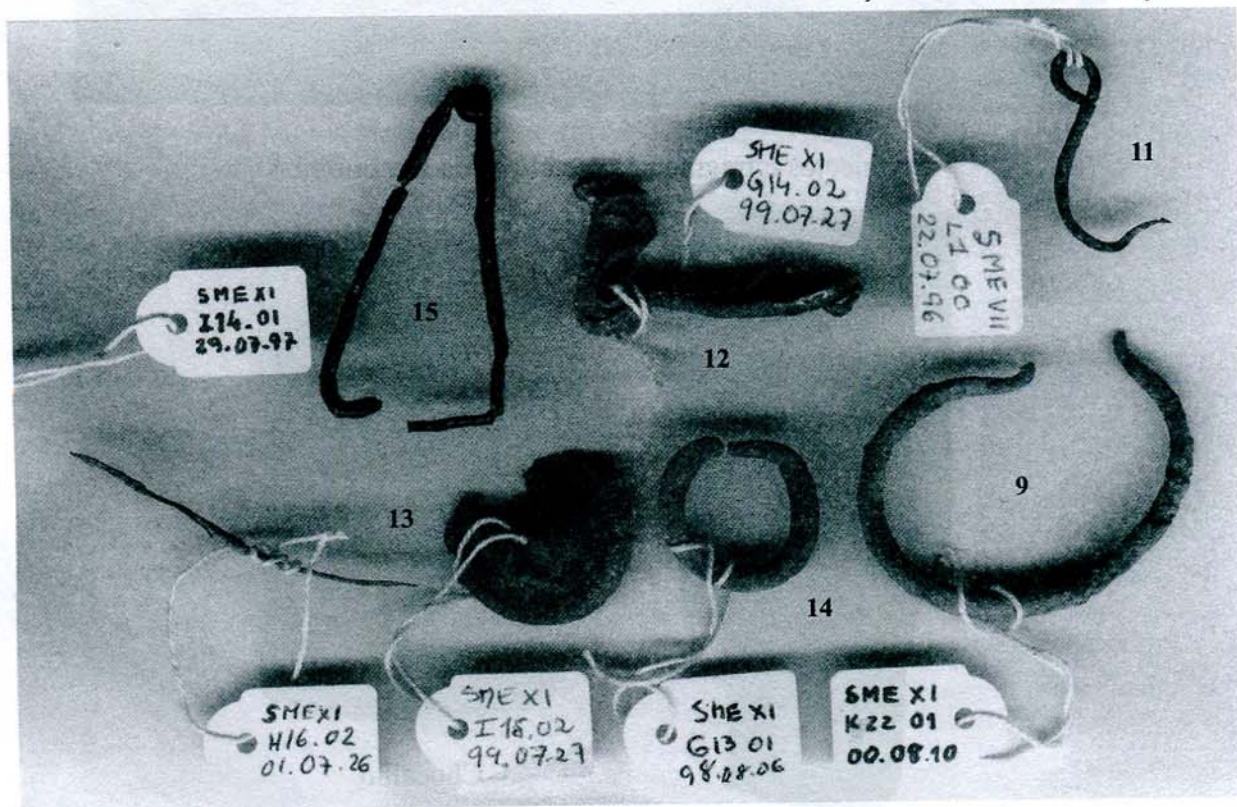


7

8



Anel e alianças de Ervamoira A
6. Alianças de bronze 7. Anel de ferro
8. Aliança de bronze e decoração



Objectos de bronze de Ervamoira A
9. Fíbula 10. Fíbula 11. Anzol 12. "Arame" 13. "Botão" 14. Brinco 15. *Acus crinalis*